

Tucuruí, a Babilônia brasileira

Que cidade do mundo, e que cidadezinha encravada na selva, poderia suportar uma explosão demográfica que aumentou de 5 mil para 80 mil seus habitantes, ao longo de seis anos? Tucuruí (palavra que significa "ganha-nota verde") parece ter sido invadida por uma das sete pragas do Egito. É nova Babilônia, uma mistura de riqueza, miséria, castidade e pecado — um lugar de extremos, onde tudo pode acontecer, de todas as formas, a qualquer momento.

Uma cidade partida em duas: a sede do município, Tucuruí, com suas 40 mil almas desesperadas com a poeira, o jogo, a prostituição, a violência e o medo; e as vilas dos construtores da hidrelétrica, cercadas de muros, com seus 37 mil habitantes que dispõem de ruas asfaltadas, clubes, cinema, dois hotéis de luxo, templo ecumênico, estação retransmissora de TV, casas confortáveis (algumas delas avaliadas em Cr\$ 4,8 milhões, 25% de todo o orçamento anual de Tucuruí, que não chega a Cr\$ 20 milhões).

Dois mundos; um, brilhante, limpo, asséptico, com suas famílias ordeiras e conservadoras, suas simpáticas e pacíficas criaturas de Deus; o outro, cinzento, sombrio, cheio de pecado e tristeza, esse problemático inferno relegado à sua própria sorte, e, segundo um padre da região, à espera de quem conduza para uma explosão final a latente insatisfação de seus sofridos habitantes. "Quem está contente com a vida nesta cidade? Quem pode viver sossegado, tendo de engolir poeira durante todo o verão, e se atolar na lama durante o inverno?" indagava um "Manifesto ao Povo de Tucuruí", distribuído à população no dia 9 de julho, uma semana antes da frustrada visita do governador do Pará.

Assim é Tucuruí. Seus habitantes vivem da pesca no rio Tocantins, antes da chegada da Transamazônica, no início dos anos 70. A Transamazônica não chegou lá, mas passou perto, a 80 quilômetros de distância. Serviu, porém, de caminho para os invasores de terras, que foram se aproximando. Ainda assim a cidade viveu pacificamente — mas só até 1974, quando o governo decidiu construir essa hidrelétrica cuja energia será absorvida pelas indústrias que explorarão os recursos minerais do interior amazônico, como a bauxita, nas regiões dos rios Trombetas e Capim, ou o minério de ferro da Serra dos Carajás.

Só aí começou o caos. Primeiro, o "inchamento" da cidade, ligada à Transamazônica por outra estrada, e que não foi preparada para receber tanta gente, um erro que os próprios técnicos da Eletronorte admitem, em conversas reservadas; uma crítica que eles próprios fazem ao governo federal. Depois, o aumento dos conflitos e insatisfações. E, agora, também um problema rural, somando-se ao urbano: o lago da represa de Tucuruí inundará parte da Transamazônica, forçando a abertura de novo trecho, com investimento de Cr\$ 800 milhões, desalojando centenas de famílias de colonos ali assentadas pelo Inra, dentro do frustrado Programa de Integração Nacional — o PIN do governo Médici.

No município vizinho de Itupiranga, que também será afetado pelas inundações, o padre Avelino e o agente pastoral José Milei promovem frequentemente reuniões com os colonos da Transamazônica, que estão impedidos de cultivar culturas permanentes em seus lotes, sob a ameaça de que não serão indenizados se o fizerem e as águas porventura alcançarem as terras. Como são raríssimos os que têm condições de se deslocar para Tucuruí, a fim de se informarem sobre as suas terras serão realmente atingidas, a maioria está confusa e desinformada.

Dentro da mata, onde a maioria dos ocupantes não possui títulos de posse ou propriedade, a situação se agrava, na medida em que invasores e "grileiros" de terras se aproveitam da situação para comprar desses ocupantes o direito à posse, a preços baixíssimos, simplesmente expulsando-os, com intimidações. Como já existe a ameaça de inundação, os colonos invariavelmente desistem de resistir a essas pressões e abandonam as terras. O colono José Alagoas, por exemplo, trocou seu lote de 100 hectares por um revólver, um rádio, um relógio e 500 cruzeiros.

A ação desses padres e agentes pastorais é geralmente confundida com subversão ou incitação à revolta, pelas autoridades municipais, que avisam o Exército de todas as suas atividades, na maioria das vezes por meio de relatórios espontâneos, nos quais não hesitam em chamar os religiosos de "comunistas". A população da Transamazônica tem recentemente ridicularizado essas advertências; em Itupiranga, chegou a tomar vulto um movimento para eleger prefeito nada menos que o próprio padre.

O movimento se justifica, quando se descobre que o prefeito local mora em Marabá e raramente aparece na cidade; ou que o vice-prefeito Claudimiro Lira Mourão, um ex-garimpeiro, não sabe sequer quantos habitantes tem seu município, "acho que uns cinco mil, na sede, mais outros tantos aí na mata". A Prefeitura deverá arrecadar Cr\$ 20 milhões este ano, renda razoável para uma cidadezinha com menos de 20 ruas. Os padres se perguntam onde o prefeito José Brasil Monteiro aplica esse dinheiro. O agente pastoral José Milei aproveita para denunciar as últimas grandes realizações da autoridade municipal: "Ele mandou queimar duas casas de lavradores; mandou prender, cortar água e tirar luz; demitiu professores; e até uma irmã de caridade ele já intimou, pois para ele essa irmã é comunista".

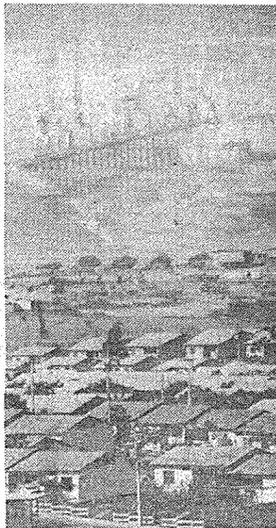
— Se irmã isalina e OS padres são comunistas — intervém a mulher de um colono da Transamazônica — então eu vou com eles até o inferno.

Os ânimos se exaltam, quando a discussão chega a esse ponto. Hoje, eles já discutem sem terror os tempos da guerrilha do Araguaia, quando colonos e posseiros acabaram perseguidos pelas forças de segurança, "pagando nossas famílias pelas ideias de outros", conforme observa, com amargura, um desses colonos que foi, àquela época, acusado de dar proteção aos homens do Partido Comunista do Brasil.

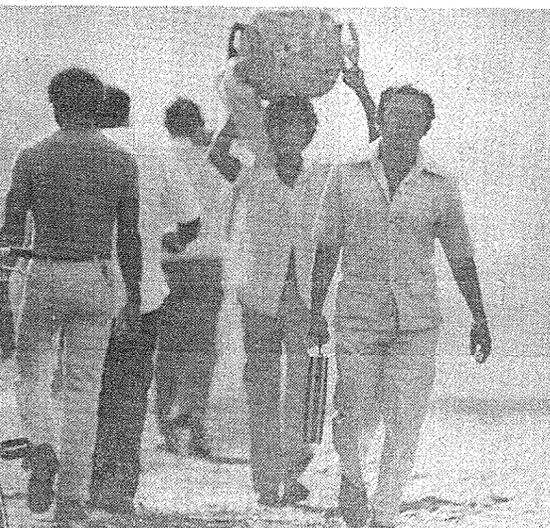
— Esses lavradores não têm for-



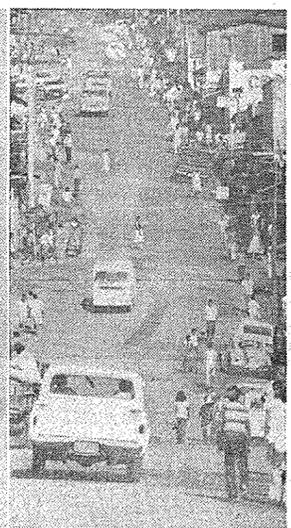
Texto de LUIZ FERNANDO EMEDIATO — Fotos de CLAUDINÊ PETROLI — Enviados especiais



A vila operária



Na "fila do gás", o "comércio" das prisões



A rua principal da cidade

Na mata, a situação é pior. Um colono trocou seu lote por um revólver, um rádio, um relógio e 500 cruzeiros

O lago de Tucuruí inundará 216 mil hectares de terras, a quase totalidade ocupada por florestas, acumulando ao longo de 200 quilômetros 43 bilhões de metros cúbicos de água. Terão de ser transferidas, segundo o Departamento de Patrimônio Imobiliário da Eletronorte, 1.600 famílias da área rural, mais 900 da área urbana. Exatamente 1.001 famílias foram indenizadas até meados deste ano, e umas 850 reiniciadas em lotes de 50 hectares ao longo da rodovia PA-263.

Embora esse departamento pague, semanalmente, perto de Cr\$ 4 milhões, só em indenizações, a maioria dos colonos está insatisfeita com o processo. Primeiro, pela resistência natural em deixar suas terras. Depois, porque as indenizações alcançam, em média, apenas Cr\$ 57 mil por família, o que é muito pouco, ainda que se considere o fato de a Eletronorte dar ao desalojado uma ajuda de custo de Cr\$ 30 mil, mais transporte até o novo lote.

No início, a Eletronorte planejava entregar estes lotes com uma casa-modelo em madeira, mas, logo depois de construir 65 dessas residências, desistiu da idéia, sob o argumento, conforme explica um técnico, de que "esses homens não tinham condições de ocupar uma casa como a que planejamos, pois não sabiam sequer usar o banheiro; essa gente só sabe viver em palhoças". Um argumento estúpido, retruca um padre da região; e, se isso realmente ocorre, acrescenta "não seria mais lógico e mais humano ensinar estes homens a usar o banheiro?"

— Não, não seria — insiste um funcionário da Eletronorte. — Dar uma casa decente a estes homens seria como dar um avião a quem não se dispõe sequer a botar água na bateria do aeroplano.

ça nem para ficar de pé, de tão famintos e doentes — diz José Milei. — Como, então, poderão fazer guerrilha, conforme já andam dizendo por aí?

Mas ainda assim eles se organizam. Recentemente, o prefeito João Brasil Monteiro tentou expulsar duas famílias que habitavam às margens do Igarapé Cametaú. Entrou na área com suas forças, todos vestidos com camisas nas quais inscreveram a frase Cametaú — Alea iacta est, e qual novo César conquistando terras indômitas, teria mandado prender os descontentes e instituído arbitrariamente uma "taxa para colher castanha" e outra "para carregar espingarda", a serem religiosamente recolhidas aos cofres públicos.

O povo reagiu. Primeiro, houve em Itupiranga uma passeata de crianças, revoltadas com a diretora da escola, apelidada de "Pedra Lascada", e, coincidentemente, mulher do prefeito. Durante meia hora, peregrinaram pelas 20 ruas da cidade, à noite, empunhando velas acesas e soltando foguetões. Como na outra semana a Polícia Militar atirou na perna de um colono, o precedente serviu de estímulo para a família do baleado, que também organizou sua passeata. Desta vez, porém, duas irmãs da vítima arrebataram a porta da delegacia a pontapés, aos gritos de "Abaixo a repressão, menos fogo e mais feijão".

Parece engraçado, mas não é. Em Tucuruí, a situação é bem mais grave. Uma galinha ou "pinta", como a chamam custa, viva, Cr\$ 400,00. Uma lata de leite em pó não é vendida por menos de Cr\$ 230,00, e um litro de leite misturado à água é vendido por Cr\$ 35,00. Uma casa de madeira com quatro cômodos é alugada por Cr\$ 12 mil mensais. "A juventude está revoltada", diz o padre Antônio, carlista, adver-



O padre Avelino (de chapéu) e os seus colonos

tindo que "isso aqui pegará fogo, quando aparecer um líder para dirigir essas insatisfações. Não se maravilhe se um dia houver tiros e mortes por aqui." A vida é realmente difícil: quando as donas-de-casa precisam comprar gás, precisam entrar na "cobra" (fila). Isso, claro, quando há gás, pois o comum é faltar o produto e serem todos obrigados a cozinhar nos velhos fogões a lenha.

Várias pessoas já foram presas durante os tumultos na "cobra do gás". Nessa atividade, denuncia o cidadão Claudimiro Almeida Viana, a própria polícia acabou descobrindo um negócio lucrativo: eles prendem e depois cobram uma taxa para soltar o preso. "Não temos para quem nos queixar — acrescenta. — As vezes o deputado Ademir Andrade denuncia essa situação; aí, trocam o delegado e começa tudo de novo".

O deputado Ademir Andrade, do PMDB, um jovem engenheiro baiano que chegou em 1974 para construir uma das vilas habitacionais, no canteiro de obras da hidrelétrica, tem 29 anos e é um dos únicos líderes dessa comunidade abandonada que foi buscar até mesmo no estudante Francisco Lacerda, o "Chico do Cachorro Quente", um de seus porta-vozes. Eles formam uma espécie de dupla. Chico ouve o povo e comanda o espetáculo, pichando muros, pintando falxas, visitando os casebres, organizando a massa. O deputado, menos inflamado, ocupa a tribuna, em Belém, para divulgar tais "descalabros".

Isso aqui é uma imundície, uma imoralidade — denuncia o deputado. Para ele, os 40 mil habitantes de Tucuruí vivem em total promiscuidade, "pior do que numa favela no Rio. A Prefeitura não tem planta da cidade, não sabe quantas casas foram erguidas desde 74, metade da

cidade não tem luz, toda ela não tem esgoto. Os impostos não são cobrados corretamente. Não temos assistência médica. O único hospital é o Hospital do Estado, o conhecido como "Matadouro do Estado". O doente entra ali e já morre de susto, só de ver tanta sujeira".

Um rosário de lamentações, enfim: desde 1974 não se fez um julgamento em Tucuruí. Há na delegacia, pendentes, 150 processos de crimes de morte; segundo o deputado, os 150 assassinos estão soltos, pois a prisão só possui três celas e não há como acolher aqueles para o quais já se decretou prisão preventiva. Calculam-se em mais de duas mil as prostitutas, a maioria menores de idade; nunca se consumiu tanto antibiótico em Tucuruí, onde grassa uma constante epidemia de doenças venéreas; faltam escolas; falta tudo.

O deputado reconhece, porém, que também faltam ao município recursos financeiros para fazer frente ao caos; por isso, não culpa inteiramente o prefeito Pedro Paulo Antônio Milei, cuja família, claro, reside em Belém, longe dessa podridão. O problema é que, exatamente em 1974, quando os construtores da hidrelétrica chegaram, o presidente Ernesto Geisel baixou um decreto isentando do pagamento do ISS (a principal receita de alguns municípios), as empresas envolvidas na construção desse tipo de empreendimento.

O estoque de ovos e tomates das mercearias de Tucuruí esgotou-se repentinamente na véspera do dia 15 de julho, mas quem concluiu ter aumentado a fome dessa gente em desespero estaria enganado. Os ovos e tomates foram comprados para se espantarem no governador Alacid Nunes, do Pará. Advertido a tempo sobre o ânimo belicoso daqueles cidadãos, cancelou prudentemente sua visita. Afinal, as centenas de peões que haviam incendiado uma casa e saqueado um supermercado poucas semanas antes só puderam ser contidos pelas armas. Não houve mortes, mas dizem que no outro dia precisaram lavar o sangue do piso.

Tucuruí está em guerra contra seus governantes, sejam eles quais forem. Tucuruí é o caos, a vergonha, a podridão e a poeira, um amontoado de casas miseráveis, uma cidade explodindo diariamente desde que seus 5.000 habitantes foram surpreendidos, em 1974, pela súbita invasão dos peões e dos engenheiros construtores "da quarta maior usina hidrelétrica do mundo e a maior genuinamente brasileira". Uma usina com potência final de 8 milhões de quilowatts gerados no Tocantins, segundo informa a Eletronorte, Centrais Elétricas do Norte do Brasil, responsável pelas obras.

A cidade foi cortada em duas: a dos deserdados e a dos privilegiados. Enquanto isso, as águas vão subindo

que a cidade foi cortada em duas: a cidade dos deserdados, a quem — muros, e a cidade dos privilegiados, essas 30.819 pessoas que vivem do outro lado dos muros, nas vilas da Eletronorte e do consórcio construtor Camargo Correia.

Trabalham na obra 18.867 empregados, entre peões, pessoal administrativo, técnicos e engenheiros. Ao todo, com os outros membros da família, são 37.074 pessoas — uma população sobretudo de homens, pois as mulheres são apenas 13.302, das quais 5.739 com idade entre zero a 10 anos. Há 10.975 homens alojados nos barracões de solteiro, pois as mulheres são apenas 13.302, das quais 5.739 com idade entre zero a 10 anos. Há 10.975 homens alojados nos barracões de solteiro, pois as mulheres são apenas 13.302, das quais 5.739 com idade entre zero a 10 anos. Há 10.975 homens alojados nos barracões de solteiro, pois as mulheres são apenas 13.302, das quais 5.739 com idade entre zero a 10 anos.

A três vilas — "Permanente", "Temporária" e "Pioneira" — são constituídas de 3.866 prédios. Há 14 escolas, 407 professores e auxiliares de ensino, 7.784 alunos e 2.008 vagas ainda disponíveis, embora do outro lado dos muros falem escolas. Há um hospital com 220 leitos e corpo clínico formado por 417 funcionários, dos quais 38 são médicos.

"Será que devemos agüentar tudo isto caído?", indaga o "Manifesto ao Povo de Tucuruí", convidando a população para o "ato público de protesto pela situação em que se encontra o lugar em que vivemos". O manifesto foi apoiado pelos padres — Geraldo Frencken, Geraldo Ildeu Franco e João Vicente Ginneken, da paróquia de Tucuruí.

Um professor formado em licenciatura plena que lecionasse do outro lado dos muros ganhava, no ano passado, Cr\$ 48 mil mensais, mas custando ao governo federal, com os adicionais do sistema de serviços por administração, pagos à construtora Camargo Correia, que os contrata, exatamente Cr\$ 144.500,00. Na mesma época, a folha de pagamentos da única escola de 1º grau de Tucuruí, com 22 professores, seis serventes, quatro inspetores e dois diretores não passava de Cr\$ 90 mil — pouco mais da

metade do que custava um só professor na cidade da hidrelétrica.

— Isso aqui é um caso de política — diz o padre Geraldo Franco — por isso, nossa pastoral não pode ser exclusivamente sacramental. Isso aqui é outro mundo.

O presidente da Câmara Municipal de Tucuruí, Raimundo Maria Galvão Filho, não foge do comportamento geral das autoridades desta região, ao combater os padres e seu "radicalismo".

— Os padres aqui — diz ele — vêm sendo incentivadores de elementos sem experiência, para atos indecorosos diante de nossas leis. Se valem do povo, que tem menos cultura, e fazem escândalo diante do nosso regime. Outro dia um deles tentou agüentar o prefeito dentro do seu próprio gabinete e ainda o chamou de cachorro graças a Deus isto não aconteceu comigo, pois não agüentaria tal insulto e reagiria como um homem deve reagir!

— O problema é que as lideranças políticas de Tucuruí padecem de uma imperdoável deficiência cultural — critica outro padre, o prudente carlista Antônio, que aparentemente nada tem a ver com o lado de cá, pois só trabalha do outro lado dos muros, na limpa comunidade "da obra". — Se você assistir a uma reunião na Câmara Municipal vai rir com as palhaçadas dos vereadores, ou chorar de desgosto, com pena do povo.

Uma galinha a Cr\$ 400,00;
 uma lata de leite em pó a
 Cr\$ 230,00. "Não se maravilhe
 se um dia houver tiros e mortes"